

ENTREVISTA / DAVID CARLSON

Jornalismo é crucial para qualquer democracia

A internet permite que muito mais opiniões sejam ouvidas, mas também tornou possível isolar as vozes das quais você discorda, mas são necessárias para que se esteja verdadeiramente informado

Um ditado preconceituoso e agressivo em relação aos professores diz que aqueles que sabem fazem e os que não sabem ensinam. David Carlson é das pessoas que, depois de uma carreira bem sucedida como jornalista, de acumular um punhado de prêmios e ser presidente da respeitada Society of Professional Journalists, resolveu encarar o desafio de ser professor, professor de jornalismo em novas mídias, tornando-se diretor-fundador do Interactive Media Lab da University of Florida, a segunda maior escola de jornalismo dos Estados Unidos. Bom papo, Carlson dedica parte de seu tempo livre para atividades distantes do jornalismo, como a carpintaria, a culinária e pilotar aviões pequenos, mas a tecnologia tem para ele um apelo irresistível. “Toda nova tecnologia que aparece no mercado me deixa ansioso para aprender sobre ela e utilizá-la. De certa maneira, isso faz parte do meu trabalho, como se meu trabalho fosse ter a chave da fábrica de brinquedos, porque eu tenho que aprender como toda nova tecnologia afeta e pode ser utilizada no jornalismo”. Para ele, os bons e velhos princípios do jornalismo não perdem validade na era digital, por mais profundas que sejam as transformações em curso. Uma transformação que tem por eixo um diagnóstico de Andrew Grove, ex-presidente da fabricante de chips Intel: “a internet é como um rifle apontado para a cabeça de todos os intermediários”.

1

Entrevista David Carlson

Por Carlos Müller e Ricardo Pedreira

Vamos começar. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre a relação entre o desenvolvimento do jornalismo e o desenvolvimento da democracia nos Estados Unidos.

Eu acredito que o jornalismo é crucial para o desenvolvimento de qualquer democracia. O povo tem o direito de ser informado sobre o que o seu Governo está fazendo, para que tenha conhecimento da sua atuação. Eu creio que a maioria das pessoas concorda comigo, que a pedra fundamental da democracia é ter acesso à informação que não tenha sido manipulada pelo Governo. Informação coletada de forma independente, sem censura ou intermediário.

Historicamente existe um paralelo entre elas (democracia e jornalismo)?

Os primeiros jornais americanos tiveram início antes da Guerra Revolucionária Americana no século XVII, eu acredito que, aproximadamente em 1625, o primeiro jornal americano foi desenvolvido.

Onde?

Na América do Norte, no que atualmente é conhecido como Estados

Unidos.

Sim senhor, mas em Nova Iorque?

Nas colônias, eu acho que na verdade foi em Boston. Mas esses jornais eram muito diferentes dos jornais de hoje em dia. Na verdade, eles tinham uma tendência partidária, deixando bem claro qual era o seu apoio político. Com o desenvolvimento dos jornais nos Estados Unidos eles tentaram não ser partidários (procuraram ser imparciais), com exceção das sessões de opinião que, na maioria dos jornais, ocuparam apenas duas páginas. Uma página que continha o ponto de vista do jornal e, outra página que continha os colunistas, cartas ao editor e coisas do tipo. Sim, os jornais mesmo sendo bem diferentes dos jornais de hoje em dia, foram um fator chave para o desenvolvimento da democracia. Desta maneira, a informação era transmitida e havia vários jornais com vários pontos de vista diferentes. Isso facilitou o acesso do povo a uma ampla gama de informações

2
sobre o que estava acontecendo e sobre o que as pessoas estavam pensando as colônias e o que devia ser mudado ou melhorado.

Como você vê essa relação no contexto do desenvolvimento da mídia digital?

Bem, eu creio que o desenvolvimento da mídia digital nos leva de volta aos dias do tempo em que muito mais opiniões podiam ser divulgadas e ouvidas do que podem ser no mundo editorial tradicional. Era dito que se você quisesse ir a Filadélfia e competir com o “Inquierer”, que é um grande jornal, você precisaria ter no mínimo U\$ 10.000.000,00 (dez milhões de dólares) no bolso. Porque você teria que ter caminhões, impressoras, tinta, papel, prédios e todas as pessoas necessárias para executar esse trabalho. Então, isso significava que a barreira para entrada na competição era muito alta. No mundo da Internet, um estudante de 2º grau (ensino médio), na Filadélfia, pode competir conosco. Pode competir com o “Inquierer”. Ele pode ser apenas um pequeno mosquito voando ao redor do fluxo de renda neste momento. Então, eu acho que uma das grandes coisas sobre a Internet (avanços propiciados) é que ela retirou quase todas as barreiras à entrada de novos agentes nesse processo. Desta maneira, muito mais opiniões podem ser ouvidas, mas, também, muda a economia do nosso negócio dramaticamente.

Mas a qualidade da informação produzida por um estudante de 2º grau não é a mesma daquela produzida por um bom jornal.

Isto é verdade.

A questão é que com a informação livre na internet, seria perigoso para a democracia? Se tivermos jornais ricos produzindo notícias de qualidade você acha que isso seria um perigo para a democracia?

Bom, eu quero dizer, com certeza, que eu não quero que as grandes

organizações jornalísticas cheguem à falência. É crucial para a democracia que existam pessoas procurando a verdade e, estas pessoas precisam ser razoavelmente bem pagas, pois, sendo realista você precisa comer, todos nós precisamos comer. Apesar de que uma das coisas que me preocupa a respeito disso é que esta ficando cada vez mais fácil e possível isolar, separar e calar as vozes com as quais você discorda, porque existem mais vozes se expressando no mundo. Porque nos Estados Unidos, de qualquer maneira agora nós temos a

3
televisão colorida e emissoras que podem ser consideradas partidárias de uma maneira ou de outra (financiadas por determinadas correntes partidárias). Eu quero dizer, por exemplo, que a *Fox News* claramente tem uma visão política muito diferente da *CNN*. Então, o que me preocupa sobre isso é que se você assistir apenas o noticiário da *Fox News* e tudo sobre o que você lê na Internet, dito por ela, é de direita. Você está excluindo um amplo campo de opiniões necessárias para que você esteja verdadeiramente informado, pelo menos, na minha opinião. Então, essa é a minha preocupação, mas acho que, em geral, o desenvolvimento da Internet foi muito positivo para o mundo.

Sem dúvida, sem dúvida alguma.

Mas, certamente, isto está mudando a economia dos negócios da mídia dramaticamente em grande parte do mundo. E, também, fica claro que nós ainda não encontramos um modelo, pelo menos nos Estados Unidos, que nos leve para frente, levando o nosso jornalismo e organizações para o futuro. Provavelmente você já ouviu falar da “Propublica”. Ela é uma organização jornalística, sem fins lucrativos, que é financiada por meio de doações e coisas do tipo. Possuem e contratam excelentes repórteres investigativos que fazem jornalismo do tipo documentário. Existe, também, outro experimento bizarro, qual é o nome dele mesmo?

Pollitical.com?

Eu não conheço *political.com*. Mas, existe um que é operado por jornais chamado *polliticfact*, que é muito interessante. POLLITICFACT. Eles investigam as afirmações e declarações dos políticos, como por exemplo, durante a campanha eleitoral, quando Hillary Clinton dizia **X**, ou quando Obama dizia **Y**, o *polliticfact* checava a veracidade dos fatos, conferia os valores e informava os valores corretos. Mas, existe também, uma experiência que não lembro o nome agora, onde eles pedem a pessoas comuns que financiassem o jornalismo. Então, uma pessoa poderia dar uma idéia para uma história (matéria) e proporia financiar o jornalista para realizar o trabalho. É como se fosse uma aposta (um leilão), onde quem oferece mais, consegue publicar sua história (matéria). Em alguns casos, organizações jornalísticas propuseram histórias (matérias) e diziam essas são histórias que nós queremos escrever, nós precisamos levantar U\$ 5.000,00 (cinco mil

dólares), ou a quantia necessária. As pessoas vão doando. Algumas doavam U\$ 5,00 (cinco dólares), outras U\$ 10,00 (dez dólares), outras
4
ainda, U\$ 100,00 (cem dólares) e, assim, a história acabava sendo escrita e publicada.

Provavelmente, uma das piores conseqüências do preço da mídia tradicional, principalmente de jornais dos Estados Unidos, a partir do ano passado, foi a redução do número de funcionários, o que você acha disso?

Bem, eu acho que infelizmente a redução do número de funcionários na equipe dos jornais é um mal necessário. Eu também percebo isto. De certa maneira, eu acho que *Wall Street* espera que os jornais tenham a margem de lucro similar a que eles têm tido historicamente. Historicamente os jornais tiveram uma margem de lucro muito alta, cerca de 30%, isso era comum. *Gannet* exigia 36% de margem de lucro de seus jornais locais. Eu não tenho certeza absoluta sobre esse fato. Não sei se realmente foram 36%, mas, com certeza foi uma quantia significativa. Então, *Wall Street* acostumou-se a esperar essa margem de lucro. Existe essa pressão contínua em uma economia livre. Em uma economia baseada em investimento, existe uma constante pressão para que existam lucros maiores e maiores a cada trimestre, trimestre após trimestre. E quando isso não acontece, a margem de lucro cai, o valor da ação da empresa cai. Adivinha o que acontece? O editor do jornal é despedido conseqüentemente. E *Wall Street* continua contando com esse tipo de lucro vindo dos jornais. Então, de certa maneira, se pode dizer que nós somos uma espécie de reféns das pessoas que possuem as ações. Isso pressiona as organizações de notícias. Eu quero dizer que, se você não pode aumentar o preço dos anúncios e não pode aumentar o preço de venda dos jornais, a única maneira possível para manter a margem de lucro esperada é cortando os custos. Então, eles acabam diminuindo o número de pessoas trabalhando em suas equipes. E, em muitos casos, eu acho que os jornais fazem más escolhas cortando certos funcionários. Como eu mencionei durante nosso almoço, na maioria dos casos, eles decidem isso baseado nos salários, já que precisam diminuir os custos e querem cortar o mínimo possível de pessoas nas suas equipes, muitas vezes, eles cortam àqueles que têm os salários mais altos. Os salários mais altos são cortados primeiro e, francamente, eu acho que isso é um erro.

5

Devido a isso você acha que é má idéia para as empresas de notícias, se envolverem com a bolsa de valores? De acordo com a Constituição Brasileira empresas de mídia devem ser privadas. Então elas não podem ser públicas? Pessoalmente eu gosto dessa lei, eu acho essa uma boa lei. Existe uma velha historia na qual, Jack

Nighth, um dos irmãos Night, da Nighth River-- eu acredito que a *Ganet* foi a primeira empresa de jornal a se tornar pública. Na época, o presidente da *Ganet* era All New Hart. Há uma história que diz que em um corredor durante a *News Paper Publisher Association Convention*, daquele ano, Jack Night, se aproximou do All New Hart e, no corredor disse: “você acabou de destruir o nosso negócio, por que agora todos nós teremos que seguir o seu exemplo e nós estaremos nas mãos de *Wall Street* ao invés de estarmos nas mãos de jornalistas e do público?” Bom eu não estava lá, então, não posso confirmar a veracidade dessa história, mas, ela me parece bem possível, você não acha?

Muitos no Brasil acharam que isso foi um erro, porque isso limita as possibilidades de conseguir financiamento, capital.

Bem, isso pode ou não limitar o acesso a financiamento. Eu quero dizer que a razão pela qual a maioria das empresas jornalísticas se tornam públicas é pela dificuldade de levantar capital.

Sim.

Porque, como você sabe, eles fazem ofertas públicas e pessoas compram ações.

Nos Estados Unidos as pessoas não perceberam que isso estava se tornando um problema? As pessoas não viram isso como um problema?

Não, certamente elas não perceberam isso. E eu acho interessante que o valor das empresas de mídia tenha caído tanto, rapidamente, em função do valor de suas ações. O jornal *Wall Street* foi a última propriedade a ser vendida pelo preço, que as pessoas acreditavam, ser o valor de mercado. Agora, como você sabe, eles não conseguem achar compradores. Por exemplo, a *News Week* está à venda há meses e ninguém está interessado nela. A *Ganet* deu para uma instituição de caridade um de seus jornais diários. Ela o vendeu por um dólar, eu acho que mencionei isso no nosso almoço. Alguns meses atrás, o preço de uma ação do jornal *New York Time* valia menos do

6
que o preço do seu exemplar de domingo e, isso é simplesmente inconcebível, você não acha?

Bom, agora a respeito do jornalismo *online* que é a sua especialidade, ele tem menos exigências de capital?

Bem menos.

Então isso possa significar uma nova era para o jornalismo?

Eu acho que existem muitas possibilidades boas no potencial do jornalismo *online*. Se nós pensarmos a respeito dos pontos fortes e pontos fracos da mídia em massa existente, o jornalismo digital *online* elimina quase todas elas. Eu quero dizer o que você acha que é o ponto mais fraco da televisão. Eu creio que seja o fato da televisão ser linear. Por exemplo, se você já esteve em um local, onde as câmaras

de televisão estavam, e você gostaria de saber se você apareceu em um noticiário ou como eles fizeram a cobertura do evento ou alguma coisa do tipo, você precisa assistir à televisão antes do noticiário começar, manter a televisão ligada e ficar assistindo o noticiário inteiro sem perder, nem se quer um segundo, mesmo durante os comerciais, para poder ter certeza de que você poderá ver um pequeno trecho em que você estava interessado. Porque, muitas vezes, o trecho em que você está interessado é uma das últimas matérias. Então, você tem que assistir ao jornal inteiro, os 30 minutos de noticiário e, eu acho isso extremamente linear. Isto pode ser completamente eliminado quando estamos lidando com o jornalismo *online* certo? De forma *online*, você coloca o noticiário separado por sessões e as pessoas podem acessar diretamente as matérias que estão interessadas, na ordem em que elas querem ver ou assistir. Já a grande vantagem da televisão, o seu grande ponto forte, é que ela nos torna testemunhas oculares dos eventos. Ela nos permite assistir o que realmente aconteceu. E, no jornalismo *online*, nós podemos ter essa capacidade, mas também, a habilidade de parar, adiantar ou atrasar a fita, assistir em câmara lenta ou em alta velocidade. Nós podemos decidir se o árbitro de um jogo de futebol marcou a jogada corretamente. Isso não é possível na televisão comum, pelo menos a disposição de nossa vontade. Se nós estivermos falando sobre mídia impressa ao invés de mídia transmitida, um dos pontos fortes do jornal impresso é que eles entram em profundidade no assunto, mais do que qualquer outro tipo de mídia escrita. O ponto fraco ou grande desvantagem da mídia impressa é que quando ela chega às nossas mãos, já está ultrapassada. A previsão do tempo que

7

você vê em seu jornal matutino com certeza foi feita, pelo menos às 1h da noite do dia anterior e, em muitos casos, até cerca de 9h da noite do dia anterior. Então, ela já está ultrapassada antes de chegar à porta da sua casa, às suas mãos e, antes mesmo de chegar às bancas de jornal. Nós não conseguimos eliminar isso. Outro ponto fraco dos jornais impressos é que nunca há espaço suficiente para a publicação de todas as notícias, certo? De forma *online* nós podemos superar essas barreiras, certo? Nós temos um espaço ilimitado, nós podemos publicar todas as histórias. Nós podemos ser o mais atual possível e o custo é mínimo para a atualização. Exceto o custo do trabalho das pessoas que atualizam as histórias durante o dia. Além disso, pesquisas podem ser feitas, o que não acontece em um jornal impresso. Isso possibilita as pessoas acessarem as informações que quiserem e, também, proporciona grande profundidade nas informações, e você pode fazer um *link* para todas as matérias que já foram publicadas sobre assuntos de seu interesse. Voltando ao esporte, se estivermos falando de futebol, você pode ter acesso a todas as estatísticas, de todos os jogadores que já jogaram no seu time

de interesse, se as pessoas tiverem interesse em obter essa informação. Um ponto forte dos jornais que nós ainda não descobrimos é a acessibilidade e o custo, eu quero dizer, o jornal é barato, tem um preço acessível, você pode levá-lo com você a qualquer lugar, você pode ler o jornal dentro do banheiro, se você quiser. É meio difícil você levar o seu *laptop* para o banheiro, você não acha? Mas, você pode trazer com você para o banheiro o seu *I-pad* ou o seu *I-phone*, então eu acredito, que esse será um problema eliminado em um futuro próximo. E, também, observamos que, o custo da tecnologia cai drasticamente com o passar do tempo. Por exemplo, o *I-phone* que eu tenho aqui, preso ao meu cinto, é, provavelmente, mil vezes mais poderoso do que o computador que foi à bordo para a lua e o custo dele é cerca de 3% ou 1% do valor dos computadores daquela época. **Em 1985, a IBM lançou o PC-XT que possuía um *hard disc* de 10 megas.**

Sim.

10 megas e custava U\$ 5.000,00 (cinco mil dólares). Você vê algum futuro para os jornais impressos? Você acha que existirá espaço para eles no futuro?

8

Eu não quero dizer que não existe futuro algum para eles, mas, não posso saber certamente o que acontecerá no futuro. Francamente, se eu tivesse essa habilidade eu seria muito mais rico do que sou atualmente e, provavelmente, eu não estaria aqui com você neste momento.

Você pode puxar no computador a capa de um jornal?

Sim, vou puxar a página principal do jornal *Wall Street*. Realmente, parece muito com o jornal impresso e, se você virar para esse lado, ele muda automaticamente. Essas coisas podem ser feitas. Você pode passar de sessão por sessão ou de matéria por matéria.

Por favor, eu gostaria de fazer uma pergunta rápida sobre o futuro dos jornais impressos. Eu acho que seria interessante fazer uma diferenciação entre o futuro dos jornais impressos e o futuro das organizações de notícias.

Muito bem, essa era a direção em que eu estava indo. Eu creio que virá um tempo no qual nós, provavelmente, não iremos mais imprimir ou publicar os jornais impressos. Eu creio que essa época está chegando rapidamente. Eu creio que isso acontecerá em um futuro próximo. Isso pode até acontecer na próxima década.

Dentro da próxima década?

Potencialmente creio que sim, acho que isso é possível. Eu acredito que existam dois pontos-chave em relação a isso. Um deles é que, para que isso aconteça, nós precisaremos ter mais tecnologias portáteis do que temos atualmente. A tecnologia portátil poderá ser dobrada ou passada em seus óculos ou, até mesmo, o seu telefone

celular poderá ter um pequeno projetor, no qual seriam projetadas as notícias e você poderia vê-las, ou alguma coisa do tipo. Outro ponto, é que as pessoas da nossa geração oferecem grande resistência em obter informações dessa maneira. Como você sabe, nós não estamos muito confortáveis com isso, mas, se você passar um dia observando e seguindo uma criança de 8 anos de idade, você poderá observar que ela obtém e coleta informações de uma maneira completamente diferente e, essa maneira diferente, não incomoda a criança de maneira alguma.

9

Se você derramar um copo de água num jornal, você não se importaria muito, mas, se você derrubasse no seu computador, você se importaria, não acha?

Com certeza isto é verdade.

Minha filha, por exemplo, odeia pegar nos jornais porque ela não gosta da tinta que fica da impressão.

Sim. Mas, a tecnologia atual é bem melhor. As novas tintas usadas atualmente são bem melhores nesse sentido.

Bom, pelo menos, nos últimos dois séculos, o jornal foi o principal portal de entrega de notícias para o povo. Isso começou a mudar, durante a década de 50, quando o número de jornais impressos, por mil habitantes dos estados unidos, começou a cair em seu consumo.

Eu acho que foi um pouco depois disso. Como você sabe, todo ano uma pesquisa é feita como, por exemplo, perguntando às pessoas se elas leram o jornal do dia ou mesmo se leram nas últimas duas semanas.

Mas, quando se deu a mudança de circulação de jornais por mil habitantes?

Ok. A circulação por mil habitantes no país.

Esse foi o mesmo período histórico, no qual o número de estações de rádio nos Estados Unidos, superou o número de jornais publicados.

Aproximadamente, na mesma época na qual as TVs coloridas entraram no mercado em grande escala. A explosão de TVs à cabo se deu na década de 80, quando elas ficaram populares.

Você acha que o jornalismo *online* pode ser uma das maneiras de sabotar as empresas de jornais, como o maior meio de informação para o povo?

Eu gostaria de responder essa pergunta de mais de uma maneira. Uma das maneiras, é que jornalismo *online*, realmente, mudou um paradigma que causou uma grande mudança econômica, a qual nós estamos apenas começando a reconhecer. Isto é, historicamente a economia tem sido baseada na movimentação de átomos como, por exemplo, cavando e extraindo minerais da terra, cortando árvores e

extraindo madeiras para a produção de papel, etc. Eu acho que nós
10

estamos no meio dessa mudança. A mudança de uma economia baseada em átomos para uma economia baseada na informação. Isso muda tudo. Os jornais impressos são um dos primeiros aspectos a sentirem isso dentro da sociedade. Segundo *Andrew Grove*, ex-presidente da INTEL, sua mais famosa frase “A internet é como um rifle apontado para a cabeça de todos os atravessadores dos processos de informação”. Se pensarmos um pouco a respeito do que ele disse, constata-se uma grande verdade.

Por exemplo, aqui no Brasil as pessoas vão para vídeo locadoras para locarem filmes? isso é comum no Brasil? Bom, isso era muito comum nos Estados Unidos e a maior empresa dessa área que mais vendia era chamada de *Blockbuster*. Havia milhares de lojas espalhadas pelo país. Na pequena cidade em que moro, havia quatro lojas, mas, atualmente, a *Blockbuster* está em processo de falência, apesar deles não estarem totalmente fora do negócio. Isso aconteceu devido a essa mudança. Foi uma empresa chamada *Netflix* que tomou muito desse mercado antes ocupado pela *Blockbuster*. A empresa *Netflix* funciona baseada em sistema de correios, onde se paga um valor mensal, para ter quantos filmes quiser, dependendo do valor da mensalidade. Podese ter um ou dois ou mais filmes por vez. Não é cobrada multa, mesmo quando a devolução dos filmes estiver em atraso, pois não há limite de tempo para devolução de filmes. Depois de assistir aos filmes, a pessoa simplesmente faz a devolução dos filmes pelo correio para *Netflix* que, por sua vez, envia novamente ao cliente o próximo filme escolhido por ele. A próxima fase que se aproxima rapidamente, em que nós não iremos lidar com a mídia fisicamente, onde tudo será transmitido por meio da internet. Essa é uma maneira pela qual eu quis responder à sua pergunta. Agora, estou me lembrando das diversas maneiras em que gostaria de responder à essa pergunta. Você poderia repeti-la, por favor?

Pois não. Eu havia perguntado como as empresas de jornalismo online poderiam sabotar as de jornal impresso.

Sim. Outra resposta é totalmente baseada na economia. Se você levar em conta os custos envolvidos na produção dos jornais impressos, o jornalismo *online* deve produzir uma margem de lucro muito maior para as empresas de notícias de jornais, pois os custos da produção e circulação serão virtualmente eliminados. Nos últimos dez anos, cerca de US\$ 0,80 para cada dólar gasto pelas empresas de jornais nos

11

Estados Unidos, foi gasto na produção, por exemplo, de papel, caminhão, impressoras, tintas etc.

São US\$ 0,80 de cada dólar

80% tudo para movimentar átomos.

Incluindo as salas de noticiários de TV?

Sim, incluindo as salas de noticiários. Apenas US\$ 0,20 de cada dólar que eles receberam veio da circulação. Então, se você fizer as contas deve dar certo. Se você hoje ganhar US\$ 0,80 e perder apenas US\$ 0,20, dessa maneira você estaria ganhando US\$ 0,60. Eu creio que, atualmente, nós nos encontramos num momento de transição. O que importa é para onde os olhos estão focados. Eu acredito que esse seja um dos erros históricos que o povo cometeu. As pessoas acreditam que o dinheiro vai entrar da venda de coisas sólidas, é o caso do rádio e da televisão. Na verdade, o dinheiro vem do fato de ter uma audiência para quem os produtos seriam vendidos. Atualmente, a nossa fase é a de que o dinheiro entra pelo legado da mídia, independente de qual tipo mídia: jornal impresso, televisão, rádio. Mas, nós nos encontramos em enorme pressão para formar o modelo para a era digital. Um modelo econômico para o lado digital. Em muitos casos, nós temos mais procura para o produto digital do que para o legado da mídia. Um ponto para que isso mude, para que o foco da propaganda se torne maior nesse sentido, para que o modelo de propaganda desse tipo de anúncio aumente. Eu estou decepcionado com a falta de criatividade dos jornais impressos. Sobre a maneira de como eles estão fazendo propagandas da mídia digital como, por exemplo, por que não colocar classificados que se relacionam com a história publicada lado a lado? Talvez seja uma história sobre os *I-phones* ou sobre os *I-Pads*. E, por que não colocar os classificados de produtos eletrônicos ao lado desta história? Isso certamente não seria difícil de fazer. Mas, a maioria das pessoas ainda não pensou em fazê-lo. Os classificados são uma das partes da economia que encontra mais dificuldades (onde se perde mais dinheiro). Outra coisa que eu percebo, é que existem muitos jornais que não tem endereço de *emails* nos anúncios de classificados. E por que não fazer isso? Se fizer essa pergunta a um editor, ele dirá que não faz isso porque o *mainframe* de edição de um jornal não é capacitado para suportar *emails* (não conseguem incorporar *e-mails*). Eu creio que eles precisam investir nisso. Vejo isso como uma necessidade. Esta é a maneira pela

12
qual seria mais fácil responder a um anúncio de classificado, através de um *e-mail* e não por uma ligação.

Você acha que uma possível solução para isso seria não cobrar pelo conteúdo jornalístico?

Sim. Isso seria uma solução, mas seria difícil porque a economia baseada em *bits* da qual estou falando, as notícias se tornaram mais um *commodity* como, por exemplo, o café, a soja, ou o que seja. Há inúmeros locais onde você pode encontrar notícias do seu país, notícias internacionais, principalmente em inglês. O que você menos encontra são notícias locais. Conseqüentemente, eu creio que os

jornais deveriam estar focados mais em notícias locais, mas, infelizmente devido a intensa pressão econômica a qual eles tem sofrido, eles têm diminuído equipes de notícias locais. Entendo que essa é uma situação difícil, mas, espero que percebam que eles são um dos intermediários, por isso, devem ser cuidadosos.

Durante o almoço, mais cedo, você mencionou que os noticiários são o maior portal de entrega de notícias para o público e estamos num período de transição. Você poderia falar mais sobre isso?

Quando eu era um jovem repórter, meu trabalho era ir até a delegacia para anotar a lista de nomes das pessoas que foram presas naquele dia. Eu era novato no ramo e não sabia que eles publicavam esse tipo de informação, bem como publicavam quem foi internado nos hospitais e quem havia recebido alta dos hospitais. Quem havia se casado naquele dia, quem teve filhos, quem morreu, dentre outras coisas. Eu voltarei a uma resposta direta a sua pergunta. Há alguns anos, eu estava em um seminário e o instrutor pediu para que todos pegassem uma folha de papel e todos eram editores de jornais. Todos começaram a buscar por pedaços de papéis e começaram a escrever as 5 coisas mais importantes que aconteceram a todos, nos últimos dez anos e todos começaram a escrever. Mais ou menos um minuto depois ele disse: “deixem isso prá lá. Eu vou dizer a vocês o que elas são. Alguém nasceu, alguém morreu, vocês se casaram e se divorciaram, compraram uma casa nova ou vendeu sua casa, conseguiu um novo emprego ou perdeu o seu emprego. Aí estão as 5 coisas! Dessas cinco, quantas delas vocês publicaram em seus jornais?” Obviamente, a resposta foi Nenhuma (zero). Talvez, quando um novo editor foi contratado, isso possa ter sido publicado. Não sei se isso acontece no Brasil, que casamentos, obituários, nascimentos

13

sejam publicados nos jornais ou se esse tipo de matéria é paga. O que isso quer dizer? Isso quer dizer que os jornais dizem que eles não se importam com as pessoas. Outro ponto no qual eu acredito é que nós devemos parar de chamar nossos clientes de leitores. Eles devem ser chamados de clientes, que é o que eles são na verdade. Eu não sei se isso é também assim com os jornais brasileiros, mas, nos jornais americanos eu observo muitas pessoas evitando atender às chamadas telefônicas. Isso acontece porque muitos dos jornalistas consideram os leitores estúpidos. Dizem que os leitores não são inteligentes. Eu acredito que a multidão é uma boa fonte de notícias. Nós devemos reconhecer e perceber que nossos leitores, em conjunto, como grupo, são mais inteligentes do que pensamos. Talvez, individualmente, apenas poucos indivíduos, tenham mais conhecimento sobre o assunto em pauta do que nós. Mas, nós devemos incorporar isso o máximo possível. Eu acho que havia outra parte da pergunta sobre a mudança dos jornais como o portal de entrega de notícias. Eu lhe disse que,

quando eu era um jovem repórter, esse era o meu trabalho, mas, nesta economia digital, nós não precisamos gastar tanto tempo acumulando informações. Não existe a necessidade de enviar um repórter para obter informações como quem foi preso a cada dia. Pelo menos nos Estados Unidos isso é arquivo de acesso público. Eu creio que o futuro dos jornalistas será muito mais focado na interpretação de dados, de conteúdos, ao invés de coleta de informações. Dessa maneira, todos os nossos clientes terão o acesso à mesma informação que nós temos. Os clientes terão interesse que, nós jornalistas, lhe digam que partes da informação são importantes. Como, por exemplo, nós não precisamos ir até a delegacia de polícia para saber quem foi preso naquele dia, mas, precisamos saber se uma das pessoas que foram presas é irmão de algum deputado ou alguém influente, ou mesmo se foi um político.

Você teve uma carreira como jornalista muito bem sucedida e, atualmente, você é o responsável pelo laboratório de mídia da segunda maior escola de jornalismo dos Estados Unidos. Como você se sente à respeito disso? Você poderia nos dar uma visão geral do cenário das escolas de jornalismo?

Essa é uma boa pergunta. Eu vejo o meu papel ajudando jovens jornalistas que não têm medo de se adaptar à tecnologia. Os jovens jornalistas que irão com sede, vontade (garra) adotar e adaptar novas tecnologias, porque dentro deles, eles sabem que podem aprender e

14

usar qualquer novo tipo de *software* ou tecnologia que possa surgir. Uma coisa que não posso explicar, francamente, é que ainda temos um volume enorme de estudantes de jornalismo atualmente. Nós temos mais estudantes interessados em entrar no programa do que a capacidade que temos de absorver. Muitos deles, não podem ser aproveitados, não podendo seguir a carreira escolhida. Os estudantes só entram no jornalismo especificamente depois do segundo ano, pois, nos primeiros dois anos, eles cursam as disciplinas de temas gerais, independente da sua especialização. A média exigida para ingressar nos cursos é muito alta. Precisam de pelo menos (B+) ou aproximadamente média 7, numa escala de 0 a 10. Nós continuamos a vetar a entrada de novos estudantes com medias inferiores. Alguns jornalistas acreditam que devemos aumentar a média requerida para o ingresso no curso. Eu acho que, eventualmente, nós teremos uma diminuição de estudantes interessados em jornalismo, pois eles perceberão as dificuldades financeiras que a economia implica nesta profissão. Então, não acho que devemos aumentar a média para entrada no curso de jornalismo. Eu creio que devemos ensinar a tendência pela qual o jornalismo está seguindo. Não podemos tirar a atenção da importância dos fatos e da obtenção correta dos fatos e acontecimentos. Trabalhando de forma ética e também sabendo como

obter a informação, aprender como escrever corretamente, ainda é muito importante, independentemente de como o conteúdo do seu material seja disseminado. Eu quero dizer, você pode perguntar isso a um experiente apresentador de televisão que dirá que, saber escrever ainda é um dos pontos-chave da profissão. Então, creio que devemos fazer esse papel. Isso continua sendo tão importante quanto antes. Eu acredito em obter a formação primeiro, mas, antes de tudo, obter a informação correta. A idéia que temos de que é fácil corrigir a informação, eu creio que é uma falsa idéia, porque, no momento em que a informação está na internet, ela é absorvida ou capturada por inúmeras fontes. Mesmo que a informação não seja correta, ela é espalhada e se torna um fato conhecido ainda que não verdadeiro. Você acha que isso responde à sua pergunta?

Sim, certamente.

Há mais alguma coisa que você gostaria de falar que ainda não foi mencionada?

Eu acho que talvez deva falar um pouco sobre a parede que existe entre o lado do lucro do negócio e o lado da obtenção da notícia. Este

15

é um outro ponto que tem mudado drasticamente nos Estados Unidos. Antigamente, isso era uma espécie de parede de tijolos muito alta, a qual, apenas os editores atravessavam. Nós, como jornalistas da empresa, não temos a mínima idéia da quantia de dinheiro que a empresa está movimentando. A internet está fazendo com que essa parede caia. Os jornalistas precisam entender como a renda está sendo gerada. Eu acredito seriamente que devemos sempre reforçar a ética dos nossos jornalistas em todos os sentidos e níveis, mas, nós também precisamos compreender que, se a empresa não fizer dinheiro, conseqüentemente nós não teremos emprego e, por sua vez, não existirá jornalismo de qualidade para manter o povo informado. O povo precisa estar bem informado para que a democracia se mantenha viva. Há outro ponto que nós conversamos durante o almoço que eu gostaria de mencionar, mas não estou conseguindo me lembrar agora. Na sua última pergunta, há ainda alguma coisa que você gostaria de falar que ainda não foi mencionada? Eu não estou me lembrando agora, mas, eu tenho certeza de que vou me lembrar assim que sair daqui.

Para finalizar, você poderia falar um pouco sobre você?

Sim. Eu acabo de me lembrar o que havia esquecido de mencionar antes de falar sobre minha vida pessoal. Foi o que mencionei sobre os jornais, ou seja, cada vez mais jornais fazendo a mudança, ao invés do *website* da empresa mostrar o que o jornal disse quando foi impresso. O jornal impresso deve ser um retrato do que foi publicado no *website*, ou seja, a notícia deve ser primeiramente veiculada pelo *website* de forma rápida. Nós chamamos isso de modelo *Web First*.

Voltando a questão sobre minha vida pessoal, o que você gostaria de saber exatamente?

Quais são os seus *hobbies*?

Eu tenho muitos *hobbies*. Eu gosto muito de trabalhar com madeira, de fazer carpintaria. Todos os meus *hobbies* são bem diferentes do meu trabalho. Eu também gosto muito de cozinhar. Minha mãe era francesa. Por isso, a comida sempre teve grande importância em nossa casa. Nós acreditávamos que todo mundo deve aprender a cozinhar e não só as meninas, mas todos. Então, grande parte da comida feita em minha casa é feita por mim, eu cozinho mais que a minha esposa. Em geral, como eu disse gosto muito de carpintaria, já fiz mesas, cadeiras, móveis. Eu também sou piloto, tenho a licença, apesar de não voar

16

muito por falta de tempo basicamente. Gosto muito de carros esportivos, eu dirijo um *Mini Cooper*. Acho que disse o suficiente sobre *hobbies*. Eu também sou um grande fã da tecnologia. Toda nova tecnologia que aparece no mercado me deixa ansioso para aprender sobre ela e utilizá-la. De certa maneira, isso faz parte do meu trabalho, como se meu trabalho fosse ter a chave da fábrica de brinquedos, porque eu tenho que aprender como toda nova tecnologia afeta e pode ser utilizada no jornalismo.

Você recomenda alguma publicação para os jornalistas?

O livro que gostaria de recomendar é bem antigo, mas, mesmo sendo um livro antigo, acho que a leitura é muito importante e válida. O livro é chamado *Being Digital*. O autor é Nicolas Negroponte. Ele é diretor do laboratório de mídia da Universidade de Nova York (NYU). De certa maneira, ele é meu parceiro de trabalho, apesar de eu não chegar nem perto de sua capacidade. Ele realmente é brilhante! Ele escreveu esse livro em 1995. O livro fala sobre essa mudança econômica de que mencionei antes, mudança da economia baseada em átomos para uma economia baseada em *bits* ou digital. Se eu tivesse que recomendar apenas um livro, ainda sim recomendaria este, mesmo tendo sido escrito há mais de dez anos.

Existe um autor chamado Michael Kaku, ele é japonês. Ele escreveu alguns livros sobre o futuro e como ele prevê. Eu acho seus livros fascinantes.

Você leu o livro escrito sobre o Google?

Ainda não li, mas está na minha lista de livros para ler.

Sim, este livro é muito interessante.

Se você me perguntar qual o último livro que eu li, que é uma pergunta muito comum em entrevistas, a resposta seria um livro chamado *The Good Soldiers*, que foi escrito por um repórter do jornal *Washington Post*. Este livro fala sobre a experiência dele acompanhando soldados americanos no Iraque durante um ano. Este é um livro realmente cativante, muito bom! É uma verdadeira forma de documentário. O que

tentamos fazer em meu laboratório é o tipo de documentário com multimídia. É como fossem documentários, mas contados de várias maneiras utilizando a multimídia. Eu tento descrever para meus alunos que nós devemos fazer da seguinte maneira: uma história para o mundo digital deve ser mais ou menos como uma cebola. Na parte de 17

fora, mais superficial, você encontra a história mais compactada, com o estilo similar ao do jornal *USA Today*. E, depois disso, se quiser mais informação, você pode ir tirando as camadas, como se tivesse tirando as camadas de uma cebola. De camada em camada indo cada vez mais profundo, fazendo com que elas fiquem ainda mais interessantes. Nos Estados Unidos, uma vez por ano, o Presidente faz uma palestra para o Congresso. Acredito que deve existir algo similar no Brasil. A maior parte do público não está interessada nisso, mas a cobertura deve ser feita. Então, imagine como você pode contar essa história de várias maneiras, tornando-a mais interessante. Na camada superficial encontra-se a versão mais curta que diz isto foi o que o presidente disse. Pode-se ir descascando as camadas e, entrando em camadas mais profundas, acessando, por exemplo, a áudios da palestra, como podemos mostrar a história de um soldado que estava na platéia e conseguir áudio e vídeo sobre a história desse soldado, ter acesso a palestra e outras informações. E é isso que quero dizer com “tirando as camadas”. Eu sou otimista em relação ao futuro. Só não sei exatamente como vamos chegar lá. Esse é um ponto difícil, nós estamos em um ponto de transição. Isso dificulta as coisas, mas o jornalismo precisa sobreviver para que a democracia possa sobreviver. Eu acredito muito nisso.

Num livro que eu li, o autor aconselha os jornais a contratarem engenheiros. Você acha que um dia nós teremos mais engenheiros do que jornalistas trabalhando em jornalismo?

Eu fiz uma proposta à *Night Foundation* em que nós faríamos um programa de treinamento para jornalistas incluindo programação e jornalismo. Treinando os alunos em jornalismo e programação de computadores ao mesmo tempo. Isso porque existem tantas coisas interessantes que podem ser feitas com a programação. É como uma combinação de informações. Uma das mais famosas foi feita em Chicago. Basicamente, havia um jornalista que descobriu toda a informação do banco de dados da polícia de Chicago disponível *online*. Então, ele desenvolveu um programa que conectava essa informação ao *Google Map*, utilizando marcadores de cores diferentes no mapa. Em cada marcador que pode ser acessado por um clique, obtêm-se informações sobre cada crime que tenha acontecido naquela localidade ou bairro. Isso é uma coisa muito interessante e atraente. Eu acho que nós, jornalistas, devemos prestar atenção em informações do tipo das que nós publicávamos antigamente e não estamos publicando

atualmente. Eu acredito que a proximidade com que os fatos acontecem em relação às pessoas é de grande valor para os noticiários. Acho que as notícias devem ser direcionadas para as pessoas baseadas na proximidade com a qual elas acontecem às pessoas. Por exemplo, se um assalto ocorre em seu bairro, na sua vizinhança, eu não me importo, isso não me interessa, mas, se aconteceu na minha vizinhança, aí eu me importo. Nós devemos pensar sobre esse tipo de coisa.

Seria essa a razão pela qual o *hyper local* existe?

Sim. O que me preocupa sobre os experimentos *hyper local* é que a qualidade das notícias nem sempre é boa. Muitas vezes, a qualidade da informação não é boa, porque eles dependem dos cidadãos para obter a notícias e, muitas vezes, são pessoas que não foram treinadas e não estão preparadas para contribuir com o jornalismo. Na verdade, acho que precisamos ser mais interativos com o leitor, para que ele possa contribuir da melhor maneira possível. Uma maneira de fazer isso é por meio de comentários. Ainda que considerando que os comentários, às vezes, possam causar problemas, como comentários com implicações racistas ou coisas do tipo. Eu também escrevo sobre restaurantes para um jornal local da cidade onde moro e, também, para jornais maiores. Eu gosto muito de incorporar comentários em minhas colunas e revisões, para que as pessoas possam dizer se concordam ou discordam de meus comentários. O problema disso é que os restaurantes fazem comentários criticando outros restaurantes que competem entre si.

De qualquer maneira obrigada.

Muito obrigado.